

O aquecimento global em pauta: a hipótese do agendamento aplicada ao processo de construção do significado popular¹

Thâmara Danielle Filgueiras SANTOS²
Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

RESUMO

O meio ambiente e, mais especificamente, os impactos provocados pelo ser humano são temas constantes das pautas jornalísticas. No entanto, por se tratarem de informações provenientes de estudos científicos, muitas vezes não são noticiados de forma a apresentar a complexidade dos dados alcançados. O aquecimento global é uma das questões ambientais que merece destaque quanto ao processo da construção jornalística. O objetivo desse trabalho é abordar como a ideia de aquecimento global provocado por fatores antropogênicos se tornou um consenso popular por meio da abordagem dos veículos noticiosos. Para tanto, usou-se da hipótese do agendamento para ilustrar como as notícias podem influenciar na opinião pública com o intuito de estabelecer subsídios para a maior e melhor compreensão do processo de construção de significado.

PALAVRAS-CHAVE: aquecimento global; antropogênico; IPCC; agendamento.

1 A Ação Ideológica das Notícias

Durante a década de 1990, os perigos decorrentes da degradação da camada de ozônio chamaram a atenção dos espectadores dos veículos de comunicação, que noticiavam periodicamente o crescimento do “buraco” que permitiria que uma quantidade cada vez maior de raios ultravioletas penetrasse a atmosfera terrestre. O assunto ainda hoje é pauta de notícias, mas a atenção da mídia e, conseqüentemente, de diversos setores da sociedade se volta para o aquecimento global.

Desde a divulgação do Relatório da Quarta Avaliação sobre mudanças climáticas pela equipe de pesquisadores do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC – sigla em inglês), o aquecimento global tem ocupado o centro das atenções de especialistas, governos, instituições não-governamentais, além da sociedade em geral e dos veículos de comunicação. Isso porque, de acordo com o documento, além do agravamento

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Mestrado em Ciências do Ambiente da UFT, email: thamarafilgueiras@gmail.com.

do derretimento das geleiras polares, o aquecimento global tem como principal fator as ações humanas.

O meio ambiente como um todo ganhou mais espaço na sociedade devido, principalmente, às conferências de Estocolmo, em 1972, e da Eco 92, que aconteceu no Rio de Janeiro. Temas como a escassez de recursos hídricos, a poluição do ar e da água, a degradação da biodiversidade, o consumo desenfreado, a grande produção e acúmulo de lixo, dentre outros, são pautas jornalísticas constantes em todo o mundo. De acordo com Jorge Pedro Sousa (2008), “as questões ambientais têm tido, nos últimos anos, presença assídua nos conteúdos midiáticos” e o interesse pelo assunto tem aumentado em todas as classes da população.

O que chama a atenção quanto à abordagem do aquecimento global é como os veículos de comunicação, que cumprem uma função social por meio do papel do jornalismo, contribuíram para a divulgação de somente um posicionamento com relação ao assunto. Atualmente, informações contrárias às do Relatório do IPCC são pouco divulgadas pela mídia. Alguns estudiosos questionam a ação do ser humano como principal fator para o acréscimo da temperatura em todo o globo, enquanto outros questionam o aquecimento global em si e apresentam dados de que, na verdade, a Terra estaria entrando em um período de resfriamento. Numa tentativa de explicar o porquê das notícias, Sousa (1999) afirma que “existe uma ação ideológica que se faz sentir sobre as notícias; estas, além do mais, segundo me parece, têm também efeitos ideológicos”.

O conceito de agendamento, do inglês *agenda-setting*, traz uma explicação que relaciona o aumento de notícias sobre o meio ambiente – e a especialização no tratamento de determinado tema – com o crescente interesse por parte da população pelo mesmo. Embora esta hipótese seja, devido à sua origem, comumente utilizada para estudar as notícias em um contexto político ligado ao processo eleitoral, ela é um importante recurso para medir a habilidade dos veículos de comunicação de influência a relevância que o público atribui a certos tópicos, fazendo com que a agenda midiática se torne a agenda do público (DEFLEUR e BALL-ROKEACH, 1993). O agendamento, na verdade, é, segundo Nelson Traquina (2005, p. 13), um refinamento da pesquisa realizada pelos estudiosos da teoria hipodérmica, mas que tem o “reconhecimento cada vez mais claro de um poder midiático (leia-se jornalístico) muito superior ao poder inicialmente postulado”. É relevante ressaltar que a observação feita por Traquina refere-se ao fato de que quase todos os estudos dos “efeitos” da mídia utilizam, na realidade, dados baseados em análises dos conteúdos da

produção no campo jornalístico. Segundo o autor, isso se deve ao fato de que as diversas agendas, sejam elas midiáticas, da política governamental ou públicas³ – os três componentes que constituem o processo do agendamento –, estabelecem uma relação entre si.

A análise de que trata o presente artigo usa a hipótese do agendamento e será exemplificada por meio da reportagem “Estudos mostram retrato alarmante sobre o meio ambiente e a vida na Terra”, que foi ao ar no Jornal Nacional, no dia 6 de junho de 2012, como parte das matérias que abordaram temáticas relacionados à conferência da ONU Rio+20. A reportagem de Elaine Bast está disponível no endereço da internet <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/estudos-mostram-retrato-alarmante-sobre-o-meio-ambiente-e-a-vida-na-terra/1981427/>> e conforme transcrição abaixo:

Texto	Imagens
<p>Lixo, poluição, desmatamento. Quase a metade da terra disponível no planeta [43%] é usada para agricultura ou ocupada por cidades. O crescimento populacional pressiona a procura por espaço. A queima de combustível aumenta a temperatura do globo e altera também a química dos oceanos, afetando a vida marinha.</p> <p>O relatório das Nações Unidas divulgado hoje alerta que as mudanças feitas pelo homem no meio ambiente estão fazendo estragos irreversíveis no planeta e uma das revistas científicas mais respeitadas no mundo, a Nature, publicou um estudo internacional ainda mais preocupante: estamos a pouca gerações de mudar drasticamente as condições de vida na Terra.</p> <p>Nós conversamos pela internet com o professor Anthony Barnosky, o principal autor do estudo. Ele explica que quando 50% de uma determinada área são alterados animais e plantas correm risco de extinção. “Em várias regiões estamos perto desse ponto. Se nada for feito até o fim deste século, ele diz, a Terra deverá ser um lugar bem diferente, muito mais</p>	<p>Imagens de lixão; de chaminés industriais com fumaça sendo expelida; de área de floresta desmatada; de casas construídas dentro de áreas alagadiças; de cidade grande no litoral; de plantação agrícola; de uma cidade indiana com várias pessoas transitando nas ruas; de multidão andando nas ruas de uma grande cidade; de fumaça de uma chaminé industrial; do sol através de uma cortina de fumaça; do oceano e peixes.</p> <p>Passagem</p> <p>Imagem da conversa pela internet com o professor Anthony Barnosky e da repórter no computador durante entrevista, intercalada por imagens de área desértica, de plantas secas em região semi-árida, de área congelada e urso tentando subir num bloco de gelado solto.</p>

³ “Os estudos da agenda midiática são definidos como os estudos dos conteúdos da mídia, os estudos da agenda pública, definidos como os estudos que conceituam a relativa importância dos diversos acontecimentos e assuntos por parte de membros do público, e os estudos sobre a agenda das políticas governamentais, definidos como o estudo da agenda das entidades governamentais” (TRAQUINA, 2005, p. 19, grifo do autor).

<p>difícil de se viver. E o encontro da Rio+20 que começa daqui a uma semana é uma grande oportunidade para mudar isso”, afirma o professor.</p> <p>Hoje em Nova Iorque, o secretário geral da ONU, Ban Ki-moon, pediu empenho aos líderes mundiais para que a conferência no Rio de Janeiro traga resultados. “Não podemos perder a chance para que os países se comprometam com metas que garantam um crescimento sustentável”, disse ele.</p>	<p>Imagem do secretário geral da ONU, Ban Ki-moon durante o pronunciamento em Nova Iorque.</p>
--	--

2 A Mídia e o Aquecimento Global: a Culpa é de Quem?

Em 2009, uma ação de *hackers* que ficou conhecida como *climategate* divulgou mensagens de e-mail trocadas entre cientistas da unidade de pesquisa climática da universidade britânica *East Anglia* em que comentavam os dados das pesquisas relacionadas às mudanças climáticas e ao aquecimento global. O teor das mensagens levantou a suspeita de ter havido manipulação das informações contidas no Relatório da Quarta Avaliação do IPCC com o intuito de comprovar o aquecimento global. Embora o objetivo dos relatórios elaborados pelo Painel Intergovernamental não seja sugerir alguma atitude, esses documentos possuem grande importância, pois fornecem informações para as negociações entre os países no que compete às negociações quanto às ações conjuntas em prol do meio ambiente. O Protocolo de Kyoto⁴ é um exemplo do impacto que o Relatório do IPCC pode ter na tomada de decisões em grande escala.

Na época, o fato foi noticiado por diversos veículos de comunicação. O ‘escândalo do *climagate*’, como a mídia brasileira repercutiu, “levantou uma onda de suspeitas na cúpula da ONU [Organização das Nações Unidas] realizada em Copenhague” para discutir

⁴ O Protocolo de Quioto é consequência de uma série de eventos iniciada com a Conferência sobre Mudanças Atmosféricas de Toronto, Canadá, em outubro de 1988, seguida pelo Relatório da Primeira Avaliação do IPCC em Sundsvall, Suécia, em agosto de 1990, e que culminou com a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança Climática (CQNUMC, ou UNFCCC em inglês) na ECO-92, no Rio de Janeiro, Brasil, em junho de 1992. O acordo internacional prevê a redução da emissão dos gases que agravam o efeito estufa, considerados, de acordo com a maioria das investigações científicas, como causa antropogênicas do aquecimento global. Discutido e negociado em Quioto, no Japão, em 1997, determinava que 55 países, que juntos produzem 55% das emissões, o ratificassem, assim, entrou em vigor em 16 de fevereiro de 2005, depois que a Rússia o ratificou em 2004. Por ele se propõe um calendário pelo qual os países-membros (principalmente os desenvolvidos) têm a obrigação de reduzir a emissão de gases do efeito estufa em, pelo menos, 5,2% em relação aos níveis de 1990 no período entre 2008 e 2012, também chamado de primeiro período de compromisso (para muitos países, como os membros da UE, isso corresponde a 15% abaixo das emissões esperadas para 2008). As metas de redução não são homogêneas a todos os países, colocando níveis diferenciados para os 38 países que mais emitem gases. Países em franco desenvolvimento (como Brasil, México, Argentina e Índia) não receberam metas de redução, pelo menos momentaneamente. Fonte: site do Greenpeace, disponível no endereço da internet: <http://www.greenpeace.org.br/clima/pdf/protocolo_kyoto.pdf>.

as mudanças do clima no globo, noticiou o Estadão *online* em 08/12/2009⁵ e o Jornal Nacional de 04/12/2009⁶ divulgou a possibilidade do ex-vice-presidente dos Estados Unidos, Al Gore, perder o Oscar conquistado com o documentário “Uma verdade inconveniente”, da *Paramount Pictures*, sobre o aquecimento do planeta, que usou as informações divulgadas pelos pesquisadores do IPCC para embasar o vídeo. A reportagem do Jornal Nacional mostrou também o teor de uma das mensagens enviadas pelo cientista Phil Jones – “que já ganhou mais de US\$ 10 milhões para estudar o clima”, como enfatizou o repórter –, em que afirma “*I’ve just completed Mike’s Nature trick of adding in the real temps to each series for the last 20 years (ie from 1981 onwards) and (sic) from 1961 for Keith’s to hide the decline*”⁷.

As mensagens desacreditaram inclusive um dos cientistas que mais inspirou os ativistas ambientais, James Lovelock, proponente da hipótese de Gaia⁸ que ganhou destaque com previsões impactantes como o “flagelo ambiental vai reduzir a população mundial dos atuais sete bilhões para 600 milhões; o Saara vai avançar sobre a Europa; Miami, Londres e Pequim se tornarão inabitáveis; o resto da humanidade vai viver confinada no Ártico”⁹, e, posteriormente, teve que admitir que houve um exagero nas conjecturas. Apesar da possibilidade de terem sido forjados os dados que comprovavam que o aquecimento global teria fatores antropogênicos, isso não provocou nos meios de comunicação uma mudança na forma de abordar o aquecimento global, em longo prazo, e somente nos últimos meses, que antecederam a Rio+20, tornaram a abordar as pesquisas dos cientistas contrários ao relatório do IPCC.

Por outro lado, um grupo bem menor – comparado aos cerca de 2500 cientistas que integram o IPCC – ignoram o “consenso” e apresentam dados de que o ser humano não é responsável pelo aquecimento global e que, na verdade, é um fenômeno natural e depende de diversos fatores, inclusive externos ao planeta, para acontecer. Esse posicionamento é evidenciado no filme *The Great Global Warming Swindle* (Martin Durkin, 2007). O documentário não teve o mesmo impacto que o de Al Gore (“Uma verdade inconveniente”),

⁵ A notícia intitulada “Escândalo do 'Climagate' britânico macula cúpula climática”, da agência de notícias Efe, está disponível no link: <<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae.escandalo-do-climagate-britanico-macula-cupula-climatica.478705.0.htm>>.

⁶ Disponível no link: <<http://www.youtube.com/watch?v=EWewwS3hUWo>>.

⁷ “Acabei de completar o truque de Mike da *Nature* para aumentar as temperaturas reais de cada série dos últimos 20 anos (ou seja, a partir de 1981) e de 1961 para Keith esconder os declínios”.

⁸ A hipótese de Gaia postula que a biosfera é uma entidade auto-reguladora com a capacidade de manter o planeta saudável controlado o ambiente químico e físico.

⁹ Artigo do jornalista Daniel Jerlin publicado na edição *online* de Veja, sob o título “É bom duvidar do aquecimento global. É ruim apostar contra”, disponível no link: <<http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/e-bom-duvidar-do-aquecimento-global-e-ruim-apostar-contra>>

nem o assunto foi tão explorado pela mídia quanto a versão dos pesquisadores do IPCC. Ao invés de suscitar um debate sobre a divergência de informações o que aconteceu foi que os pesquisadores contrários ao relatório do IPCC foram acusados de terem sido “comprados” pela indústria petrolífera e os que são favoráveis, de apontar circunstâncias que funcionam como entrave para o desenvolvimento de países pobres, principalmente africanos e da América do Sul.

Sobre esse aspecto, DeFleur e Ball-Rockeach (1993, p. 280) consideram que, apesar dos códigos éticos do jornalismo, “seletividade e distorções das notícias são produtos de fatores fora do controle de repórteres, redatores, editores e diretores. As descrições do “mundo lá fora” apresentadas pela imprensa são consequências de condições anteriores”. Eles apontam que a realidade proporcionada pela imprensa é modelada pelo sistema econômico vigente (seja ele capitalista, socialista ou comunista). Para Barros, Sousa e Lima (2009), o crescimento de notícias relacionadas aos temas ambientais e

sua inserção na agenda dos *media* [...] estão diretamente vinculadas à evolução de uma agenda ecológica internacional, conduzida por organismos transnacionais de amplo reconhecimento e com capacidade de intervenção política nos países ocidentais como a Organização das Nações Unidas (ONU).

Apesar disso, é importante considerar que a comunicação exerce um papel importante no processo de construção de significado, tendo em vista que “os conteúdos dos meios de comunicação influenciam os temas de conversação pública” (SOUSA, 2008) e é por meio dela que essa ideia será amplamente difundida na sociedade, já que a comunicação é um instrumento fundamental na troca de informações e de estímulo à cidadania. Ela “tem como incumbência a construção da coesão social. Ela permite às pessoas ficarem sabendo o que acontece em volta delas para tomarem atitudes e, através de suas ações, construir uma identidade comum” (PARK, 1972, p.183 *apud* VIZEU, 2004).

Uma consulta feita a estudantes do curso de graduação em Geografia, da Universidade Federal do Tocantins, mostrou que mais de 80% tinha a televisão como principal fonte de informação e cerca de 90% dos estudantes afirmava confiar nas informações repassadas pela mesma. Esses dados, embora inconclusivos, indicam o poder da televisão, e dos meios de comunicação de massa em geral, na construção de significados. Poder esse que já é conhecido e utilizado por empresas, políticos, instituições governamentais, dentre uma série de outras campanhas.

Como ilustração do processo de construção da notícia abordado por Barros, Sousa e Lima (2009), a reportagem utilizada como exemplo noticia os resultados de uma pesquisa sobre os impactos provocados pelo ser humano na natureza e como isso poderá provocar mudanças “desastrosas” em um espaço de tempo relativamente curto e traz dados da ONU ancorando a fala do pesquisador.

3 A Agenda Midiática e o Processo de Construção da Notícia

É importante ressaltar a necessidade de que sejam implementadas políticas públicas em todos os países com o intuito de promover e instituir ações de conservação ambiental, independente das condições climáticas (aquecimento ou resfriamento global). Esse é o posicionamento do pesquisador da Universidade Federal de Alagoas, Luiz Carlos Baldicero Molion, que tem pensamento antagônico ao dos cientistas do IPCC quanto ao aquecimento global. Para o brasileiro, a principal questão não são as ações [para preservação] decorrentes da afirmação de que o mundo passa por um aquecimento provocado pelas atitudes humanas, mas a afirmação em si, pois, para ele, determinar uma média climática global depende de inúmeras variáveis.

Walter Lippmann publicou, em 1922, uma obra que estudou a opinião pública por meio de diversos exemplos que consideravam, dentre outros aspectos relacionados à opinião pública e à realidade dos fatos, “como as interpretações dos acontecimentos pela imprensa podem alterar as interpretações da realidade pelo público e seus consequentes modelos de ação” (*apud* DEFLEUR e BALL-ROKEACH, 1993, p. 279). Além de demonstrar que os estudos relacionados à influência do público pelos meios de comunicação de massa remontam longa data, esse trecho apresenta resultados de um estudo que mostra o poder da mídia sobre seu público, colocando em evidência como a abordagem das questões relacionadas ao aquecimento global sob o ponto de vista de que foram as ações humanas ao longo do tempo que determinaram o clima em todo o mundo hoje pode determinar o discurso do público. Novamente citando Lippmann (1922), “as pessoas agem não baseadas no que realmente está se passando ou que tenha ocorrido, mas naquilo que imaginam seja a situação real conseguida de descrições fornecidas pela imprensa” (*apud* DEFLEUR e BALL-ROKEACH, 1993, p. 279).

No tocante às ciências, principalmente relacionadas ao meio ambiente e que geram resultados que indicam a necessidade de uma mudança comportamental, o jornalismo, além de informar, cumpre a função de explicar, por meio de linguagem acessível, os resultados

alcançados e todas as suas implicações. Por isso a importância de abordar todas as variáveis de determinado assunto, não apenas exercendo o princípio da imparcialidade, mas munindo o público com o máximo de informações referentes ao tema noticiado. A complexidade das pesquisas científicas cede espaço para uma imagem inquestionável da ciência, o que facilita a exploração do sensacionalismo e superficialidade dos temas relacionados ao meio ambiente, em particular.

Além dos aspectos relacionados anteriormente, a complexidade dos estudos científicos configuram outro ponto determinando para a forma como as notícias sobre essa temática são divulgadas. Por exemplo, Molion, apesar de ter um posicionamento contrário à ideia de aquecimento global, apresenta ressalvas quanto à afirmação de que há uma “temperatura média global”, pois afirma que a quantidade de variáveis¹⁰ e a qualidade dos dados obtidos a partir de estações climatométricas de superfície são “inadequadas para determinar a temperatura média global da atmosfera terrestre” (2008). No entanto, apesar da complexidade dos estudos, um dos focos da climatologia é o estudo do clima global e as pesquisas conduzidas por Molion indicaram uma grande variação na temperatura da Terra ao longo de milhares de anos.

Existem evidências que o clima, entre cerca de 800 a 1200 DC, era mais quente do que o de hoje. Naquela época, os Nórdicos (Vikings) colonizaram as regiões do Norte do Canadá e uma ilha que foi chamada de Groelândia (Terra Verde) e que hoje é coberta de gelo (!?). Entre 1350 e 1850, o clima se resfriou, chegando a temperaturas de até cerca de 2°C inferiores às de hoje, particularmente na Europa Ocidental. Esse período é descrito na Literatura como “Pequena Era Glacial”. Após 1850, o clima começou a se aquecer lentamente e as temperaturas se elevaram. Portanto, não há dúvidas que ocorreu um aquecimento global nos últimos 150 anos. A questão que se coloca é se o aquecimento observado é natural ou antropogênico? (MOLION, 2008)

Molion defende a tese de que a temperatura na Terra sempre sofreu oscilações e que esse é um fenômeno natural e corrobora com a ideia de que o clima global está entrando num processo de resfriamento: “É possível, portanto, que o clima global venha a se resfriar nos próximos 15 a 20 anos” (2008). No entanto, o pesquisador brasileiro não é o único a questionar o aquecimento global causado por fatores antropogênicos. O climatologista da Universidade do Alabama em Huntsville, Roy Spencer, questiona a difusão da ideia de que as atividades humanas são a principal causa do aquecimento global: “*Global warming*” *refers to the global-average temperature increase that has been observed over the last one*

¹⁰ Além da quantidade de gases que contribuem para o efeito estufa, como o gás carbônico, outros fatores influenciam na média global de temperatura, como a dinâmica de resfriamento e aquecimento dos oceanos, a evaporação e formação de nuvens, o ciclo do sol (por meio de suas manchas), para ilustrar alguns.

*hundred years or more. But to many politicians and the public, the term carries the implication that mankind is responsible for that warming*¹¹. Sobre a opinião de Spencer, Sousa (2002) explica que alguns “factores interferem na construção da notícia, sejam eles de natureza pessoal, social, ideológica, histórica ou do meio físico e tecnológico”. Além disso, a escolha de assunto a ser abordado pelo veículo também depende de certos aspectos:

determinados acontecimentos, ideias e temáticas são, de algum modo, os referentes dos discursos jornalísticos. Porém, o “acontecimento” ganha na competição, até porque o ritmo do trabalho jornalístico dificultaria que se desse um ênfase semelhante às problemáticas (TUDESCQ, 1973) e aos processos sociais invisíveis e de longa duração (FONTCUBERTA, 1993) (SOUSA, 1999, grifo do autor).

Tendo isso em consideração, não é difícil compreender o caráter de “notoriedade” para que um fenômeno se torne parte do processo de elaboração da pauta dos veículos de comunicação, como foi o caso do aquecimento global por fatores antropogênicos. Além do apelo para as ações de degradação do ser humano, a reportagem do Jornal Nacional apresenta um fato atual: a divulgação de resultados de uma pesquisa que servem de alerta para a população. Sousa (2008) argumenta, ainda, que o fato das pessoas vivenciarem diretamente um problema é uma das razões para o agendamento das questões ambientais nas várias agendas. No Brasil, por exemplo, o aumento de temperaturas em escala regional, somado às secas de rios importantes, como o Amazonas, indicam para as pessoas uma evidência do aquecimento global. Isso mostra uma dificuldade de se noticiar as pesquisas científicas, principalmente em veículos de comunicação de massa, os quais dedicam apenas alguns minutos (ou linhas) para abordar uma série heterogênea de assuntos e deixar em segundo plano os pormenores das pesquisas científicas. Pois foi justamente no período em que o planeta apresentou uma baixa temperatura média, de acordo com Molion (2008), que os países do hemisfério sul sofreram com secas, devido ao fato de ter diminuído a evaporação e, com isso, a quantidade de precipitação.

Neste caso, não é só o posicionamento da mídia, mas também a carga inquestionável que a ciência (principalmente as *hard*¹²) possui e, uma vez apresentada de forma mais constante a ideia do aquecimento global por fatores antropogênicos com o chamado urgente de que “é necessário fazer algo pelo planeta”, as pessoas passam a não questionar a possibilidade de outra interpretação dos fatos. Eloísa Loose (2006) lembra que ainda

¹¹ “Aquecimento global” se refere ao aumento da temperatura média global que tem sido observada nos últimos cem anos ou mais. Mas para muitos políticos e o público, o termo carrega a implicação de que a humanidade é responsável por esse aquecimento.

¹² Em referência às ciências naturais, físicas e matemáticas.

existem o sensacionalismo, a superficialidade e a falta de investigação jornalística que comprometem o discurso do jornalismo dedicado à divulgação tanto de temas relacionados à ciência e, mais especificamente, ao meio ambiente.

Colaborado pelo exposto acima e pela necessidade de noticiar o factual, “novidades” quanto ao fato do ser humano estar prejudicando o meio ambiente como um todo e, especificamente, o clima global são constantemente divulgadas, seja um novo relatório ou uma nova pesquisa que indica mais uma catástrofe anunciada. E nesse caso, a escolha de palavras é determinante para realçar o poder de influenciar a agenda pública. A própria escolha do verbo conduz a atenção do ouvinte, no caso da reportagem do Jornal Nacional, quando fala que “o relatório das Nações Unidas divulgado hoje alerta” para as consequências das ações humanas. Sobre isso, Boorstein (1971 *apud* SOUSA, 1999) propõe que existem pseudo-acontecimentos que são provocados e fabricados com o intento de se tornarem objeto de discurso jornalístico, que seriam, obviamente, acontecimentos previsíveis.

Dentro desta ideia, também é possível falar dos acontecimentos mediáticos, uma noção que Katz (1980) apresenta para designar acontecimentos programados e planejados para se tornarem notícia, mas que ocorreriam mesmo sem a presença dos meios de comunicação, como as ocasiões de Estado (a cerimônia de assinatura de um tratado, por exemplo), as missões heróicas (a partida de um vaivém espacial...) ou as competições simbólicas (jogos olímpicos...).

Apesar desse comportamento quanto aos temas relacionados ao meio ambiente e toda a carga dramática embutida, um ponto positivo se apresenta: é notável uma maior conscientização e conseqüente mudança de atitude das pessoas quanto aos problemas ambientais. Como Bernard Cohen (1963, p. 120 *apud* SOUSA, 2008) afirmou: “na maior parte do tempo, a imprensa pode não ter êxito em dizer aos leitores o que pensar, mas é espantosamente exitosa em dizer aos leitores *sobre* o que pensar” (grifo do autor). Isso demonstra o destaque que a comunicação, especialmente a de massa, tem na sociedade contemporânea, sendo considerada por muitos como uma espécie de quarto poder. Isso porque, segundo a teoria do agendamento, as empresas envolvidas no processo de noticiamento exercem grande influência sobre os temas abordados pela população em seu cotidiano e, conforme ressaltou McCombs (1992, *apud* TRAQUINA, 2005, p. 54), “a seleção dos tópicos para a agenda jornalística e a seleção de enquadramento para as ‘estórias’ acerca desses tópicos são poderosos papéis de agendamento e responsabilidades éticas terríveis” e revela também que o efeito desse agendamento ocorre em maior nível

com pessoas que têm uma grande necessidade de obter informação sobre determinado assunto, devido a uma “necessidade de orientação” e, conseqüentemente, maior exposição aos meios noticiosos.

No Brasil, país em que os índices de analfabetismo ainda são grandes, especialmente nas regiões Norte e Nordeste, os veículos de comunicação de massa ocupam espaço importante no cotidiano das pessoas, sendo, muitas vezes, única fonte de informação. Isso exige dos profissionais da notícia uma maior responsabilidade quanto à forma de abordagem de determinados temas, pois cumprem um papel social importante e representam forte influência na construção do significado popular.

Referências bibliográficas

BARROS, Antonio Teixeira. SOUSA, Jorge Pedro. LIMA, Maria Érica de Oliveira. **Periodização da agenda ambiental nos estudos de jornalismo de Portugal e em Brasil**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em 12 nov. 2009.

JELIN, Daniel. É bom duvidar do aquecimento global. É ruim apostar contra. **Veja**. São Paulo, jun. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/e-bom-duvidar-do-aquecimento-global-e-ruim-apostar-contr>>. Acesso em 20 jun. 2012.

DEFLEUR, Melvin L. BALL-ROKEAH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Tradução de Octavio Alves Velho. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

LOOSE, Eloísa Beling. A notícia sobre meio ambiente em análise: o esclarecimento de conceitos e a verificação da construção de sentidos do discurso utilizado pelo jornalismo ambiental na mídia impressa. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29., 2006, Brasília. **Anais eletrônicos**. Brasília: UnB, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/>>. Acesso em: 20 mar. 2008.

MOLION, Luiz Carlos Baldicero. Aquecimento global: uma visão crítica. **Revista Brasileira de Climatologia**, v. 3/4, p. 7 – 24 ago. 2008.

SOUSA, Jorge Pedro. **A teoria do agendamento e as responsabilidades do jornalista ambiental: uma perspectiva ibérica**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em 02 nov. 2009.

_____. **As notícias e os seus efeitos: as teorias do jornalismo e dos efeitos sociais dos media**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php?html2=sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html>>. Acesso em 14 ago. 2008.

SPENCER, Roy. **Global Warming: Natural or Manmade?**. Disponível em: <<http://www.drroyspencer.com/global-warming-natural-or-manmade/>>. Acesso em 17 jun. 2012.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2005.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia**: os bastidores do telejornalismo. Online de Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.pdf>>. Acesso em 09 mai. 2012.